

## **Paulo Freire e formação da pessoa humana: contribuições da antropologia cristã personalista**

**Paulo Freire and the formation of the human person: contributions of personalistic christian anthropology**

**Paulo Freire y la formación de la persona humana: contribuciones de la antropología cristiana personalista**

Elvis Rezende Messias<sup>1</sup>  
Antônio Joaquim Severino<sup>2</sup>

### **Resumo**

O ensaio, de cunho filosófico-educacional, tem por objetivo explicitar a construção da proposta da formação humana no pensamento teórico de Paulo Freire, desvelando as contribuições que recebeu da antropologia personalista de inspiração cristã. Recorrendo a fontes bibliográficas pertinentes à temática, busca evidenciar a inserção do pensamento freiriano na tradição filosófica formada em torno do personalismo cristão. Para tanto, destaca a íntima relação de Freire com o cristianismo, ressaltando, em seguida, o conceito de pessoa tal como construído sob a perspectiva da antropologia personalista cristã e explicitando as exigências que dela decorrem para a formação humana e, conseqüentemente, para a educação, a ser vista então como via privilegiada tanto de emancipação das pessoas como da construção da comunidade social.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Formação humana; Pessoa; Personalismo cristão.

### **Abstract**

The essay, of a philosophical-educational nature, aims to make explicit the construction of the human formation proposal in the theoretical thought of Paulo Freire, revealing the contributions he received from the personalist anthropology inspired by Christianity. Using bibliographic sources relevant to the subject, it seeks to demonstrate the insertion of Freire's thought in the philosophical tradition formed around Christian personalism. For this, it highlights the intimate relationship that Freire has with Christianity, highlighting, immediately, the concept of the person as built from the perspective of Christian personalist anthropology and explaining the demands that correspond to it for human formation and, consequently, for education, to be seen then as a privileged way both of the emancipation of the people and of the construction of the social community.

**Keywords:** Paulo Freire; Human formation; Person; Christian personalism.

### **Resumen**

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Campanha/MG, Brasil.

E-mail: [elvismessias.prof@gmail.com](mailto:elvismessias.prof@gmail.com) - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5395-1964>

<sup>2</sup> Universidade Nove de Julho (UNINOVE). São Paulo/SP, Brasil.

E-mail: [ajsev@uol.com.br](mailto:ajsev@uol.com.br) - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7922-9021>

El ensayo, de carácter filosófico-educativo, tiene como objetivo explicitar la construcción de la propuesta de formación humana en el pensamiento teórico de Paulo Freire, revelando los aportes que recibió de la antropología personalista de inspiración cristiana. Utilizando fuentes bibliográficas relevantes al tema, se busca evidenciar la inserción del pensamiento de Freire en la tradición filosófica formada en torno al personalismo cristiano. Para ello, destaca la íntima relación de Freire con el cristianismo, enfatizando, entonces, el concepto de persona construido desde la perspectiva de la antropología personalista cristiana y explicitando las exigencias que de ella se derivan para la formación humana y, en consecuencia, para la educación, vista entonces como un camino privilegiado tanto de la emancipación de las personas como de la construcción de la comunidad social.

**Palabras clave:** Paulo Freire; Formación humana; Persona; Personalismo cristiano.

## Introdução

O pensamento de Paulo Freire é um verdadeiro sistema de conhecimento. Ele não foi elaborador apenas de um método de alfabetização. Seu pensamento sustenta-se em diversos fundamentos, de tal forma que estamos diante de um grande sistema epistemológico, com influências e implicações filosóficas, antropológicas, sociológicas, políticas, teológicas e históricas de saber educacional. Um sistema de educação, portanto, uma *episteme*, de fato: uma estrutura complexa de pensamento, de compreensão e de prática, que, inclusive, não se dá de forma linear, mas, sobretudo, de forma dialética.

Isso nos coloca diante de um pensamento destacadamente complexo, que dialoga com diversas áreas do saber, interligando-os, pensamento esse materializado numa vasta bibliografia. E isso exige, de quem deseja conhecê-la de forma honesta, um exercício muito dedicado de leitura de suas muitas obras escritas e/ou audiovisuais, não admitindo que se fique atrelado tão somente a comentadores e estudiosos da obra freiriana nem, muito menos, que se dê ouvidos a comentários meramente depreciativos do pensamento de Freire, sobretudo nesses tempos nos quais frequentemente surgem posicionamentos maldosos e mal fundamentados em relação à obra desse importante pensador-educador-filósofo do Brasil.

Tendo isso em mente, o presente artigo objetiva compreender a ideia de formação humana na obra de Paulo Freire, procurando explicitar elementos que destaquem a presença de noções da antropologia cristã personalista em seu pensamento sobre formação da pessoa humana. Para tanto, com aporte metodológico bibliográfico, procuramos, primeiramente, apresentar o fundamento antropológico marcadamente cristão da obra freiriana para, em

seguida, discutir o conceito de pessoa na esteira da antropologia cristã, evidenciando que a própria antropologia freiriana é emoldurada por essa tradição personalista. Na sequência, intentamos demonstrar algumas exigências daí oriundas para a formação humana, e, finalmente, refletimos sobre como a ideia de formação da pessoa humana em Freire interpela para que a educação trabalhe pela efetivação concreta na história de uma subjetividade não assujeitada, aproximando os conceitos de pessoa e de sujeito na obra do patrono da educação brasileira.

### **Paulo Freire e influências cristãs**

De todos os fundamentos do pensamento de Paulo Freire, então, gostaríamos de considerar primaz o fundamento antropológico, sobretudo em perspectiva filosófico-teológica. O horizonte, aqui, é o de uma antropologia marcadamente filosófica e teológica, que, se não tem a pretensão de compreender o todo do ser humano, pretende inevitavelmente considerar o ser humano como um todo (SESBOÛÉ, 2021), como realidade integral.

Paulo Freire recebeu uma grande influência de sua formação católica, marcadamente da teologia latino-americana e da doutrina social da Igreja a partir da década de 60, que foi um período intenso de produções nesses campos<sup>3</sup>. Essas influências, por sua vez, são permeadas de uma chave hermenêutica da realidade que é marcadamente humanista (humanismo integral cristão) ou personalista (personalismo cristão). A dimensão antropológica religiosa, mormente a cristã, muito marcou o pensamento e a obra do pensador brasileiro.

Segundo explica Segala (2019),

Já nos seus primeiros escritos, pode-se reconhecer a influência e a aproximação das suas ideias com o humanismo cristão, marcando sua concepção de ser humano e de mundo. Essa influência é recebida especialmente de pensadores como Alceu Amoroso Lima, Jacques Maritain e, de modo especial, de Emmanuel Mounier. A década de 1960 é a fase mais

---

<sup>3</sup> Para citar apenas alguns exemplos, a doutrina social da Igreja produziu nos anos 60 do século XX documentos de destacada visibilidade mundial, tais como as encíclicas sociais *Mater et magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963), de João XXIII, a Constituição Pastoral *Gaudium et spes* (1965), do Concílio Vaticano II, e a encíclica social *Populorum progressio* (1967), de Paulo VI. No âmbito da América Latina, foi publicado também o *Documento de Medellín* (1968), texto conclusivo da 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho. Além disso, foi o período do grande desenvolvimento da Teologia da Libertação, com uma gama inumerável de obras, ideias e vivências práticas dela oriundas. Em algumas dessas fontes, Paulo Freire encontra maior elucidação para sua ótica e prática, a ele fica claro que vivência cristã e amor compromissado com a luta de libertação com os pobres, os “esfarrapados do mundo” (FREIRE, 2020), são indissociáveis.

personalista de Freire, quando aparecem as noções de amor, comunhão, consciência e transcendência, em sintonia com o personalismo de Mounier (1989). Posteriormente, de modo especial, a partir da década de 1970, agrega ao seu pensamento o humanismo marxista<sup>4</sup>. (SEGALA, 2019, p. 414).

Freire chega a citar na *Pedagogia do oprimido*, por exemplo, a encíclica social *Mater et magistra*, publicada em 1961 pelo papa João XXIII (cf. FREIRE, 2020, p. 189, nota 103). A citação ocorre como crítica ao assistencialismo, à falsa caridade, à falsa generosidade, inclusive no que se refere à comunidade internacional – e é aqui o ponto da crítica feito pelo próprio papa citado pelo educador brasileiro.

Paulo Freire foi especialmente marcado pelas leituras que fez de Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Atayde), de Jacques Maritain, de Teilhard Chardin e de Emmanuel Mounier, dentre outros (SEGALA, 2019; OLIVEIRA, 2004; GASDA; COLARES, 2021). Além do mais, o próprio Freire (2021a, p. 420) afirma sua camaradagem com Jesus Cristo, situando-se “entre os que creem na transcendentalidade”, de tal forma a dizer claramente que “minha fé [...] indiscutivelmente interfere na minha forma de pensar o mundo”.

Não obstante, na *Pedagogia do oprimido* ele também cita outros pensadores católicos que o inspiraram. Quando fala, por exemplo, da falsa generosidade dos opressores, que se aproveitam da condição dos oprimidos para promoverem a si mesmos, ele faz uma longa citação de São Gregório de Nissa, através da qual o santo critica a origem das esmolas, dadas para ajudar um pobre à custa das lágrimas de outros (cf. FREIRE, 2020, p. 42, nota 8). Cita, ainda, na mesma obra: Dom Franic Split sobre a importância do trabalho decente para a constituição da dignidade da pessoa humana (cf. *Ibid.*, p. 193, nota 107); o padre colombiano Camilo Torres e seu vital compromisso, como sacerdote e revolucionário, com o povo e sua causa de libertação (cf. *Ibid.*, p. 220, nota 121) – Freire chega mesmo a chamá-lo de “amoroso” e de “o sacerdote guerrilheiro” (*Ibid.*, p. 232); e o padre Chenu, que, no contexto do pós-Concílio Vaticano II, demonstra preocupação com os meros paliativos contra a miséria do mundo que não chegam a desnudar e combater as suas causas mais profundas (cf. *Ibid.*, p. 234).

---

<sup>4</sup> E sobre esse momento de agregação do marxismo, essa corrente não significou uma incompatibilidade com a fé cristã. Segundo o próprio Freire (2021b, p. 422) diz: “[...] quanto mais eu li Marx, e tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então as leituras que eu fiz de Marx, de alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo nas esquinas das próprias favelas. Eu fiquei com Marx, na mundanidade, à procura de Cristo, na transcendentalidade”.

Essa perspectiva humanista cristã e teológico-libertadora, então, vai influenciar fortemente a visão freiriana de ser humano, sua visão de sociedade, sua visão de transformação e de libertação históricas, sua cosmovisão e, por consequência lógica e inevitável, sua compreensão de educação. Em diversos aspectos, a própria obra freiriana também exercerá influência sobre aqueles que a influenciaram. Tal como explicam Gasda e Colares (2021):

A Pedagogia Libertadora e a TL [Teologia da Libertação] nascem em contextos semelhantes, a saber, a constatação político-sociológica e cultural de que existem grandes massas da população que sofrem com a pobreza, sujeitos sociais que clamam por justiça e libertação. Em 1968, a Conferência Episcopal Latino-americana se reuniu em Medellín para traduzir o Concílio Vaticano II (1962-1965) à realidade dos povos do continente. Nesse mesmo ano, Gustavo Gutiérrez deu início ao movimento que será a Teologia da Libertação. E Paulo Freire escreveu o primeiro manuscrito da *Pedagogia do Oprimido*. Durante os anos 1970, os movimentos populares originaram-se em toda a América Latina, incluindo movimentos de alfabetização de base. [...] A opção pelos pobres é uma opção político-pedagógica a partir da qual se encontra, se alimenta e se forma com as propostas teóricas de Paulo Freire e a TL. A educação popular e o discurso evangélico compartilham o compromisso com um projeto semelhante de sociedade. As propostas fundadoras de Gustavo Gutiérrez da TL, assim como as de Paulo Freire e a educação popular, forjaram projetos de formação baseados em programas de alfabetização e consciência política. Os autores e autoras da TL tinham um pensamento humanista semelhante ao de Paulo Freire, todos conheceram experiências de pobreza, injustiça e violência de Estado. Por fim, Freire promoveu o Movimento de Educação Popular (MEB) ao lado de Dom Helder Câmara, bispo de Olinda e Recife. (GASDA; COLARES, 2021, p. 180-182).

E a isso vale acrescentar o que diz Oliveira (2004):

[...] em Paulo Freire, o teológico subsiste permanentemente como fonte de reflexão e ação, como compromisso e práxis. Toda a produção intelectual de Paulo Freire está intimamente relacionada à sua visão teológica. Ele mesmo diz: “... *Penso, às vezes, que, apesar de não ser teólogo e sim um ‘enfeitado’ pela teologia, esta influência tem muitos aspectos do que vem sendo minha pedagogia [...]*” Paulo Freire assume a teologia a partir de uma perspectiva de Terceiro Mundo [...] Ele se sente cada vez mais interessado em trabalhar com teólogos porque considera que “*o papel da Igreja deve ser libertador, humanizador do homem*”. (OLIVEIRA, 2004, p. 11-13).

Tais considerações são imprescindíveis, especialmente porque não se deve considerar a realidade (e o termo) “educação” univocamente. Para Freire, a educação é um complexo e

permanente *processo de formação humana*, no qual cada pessoa deve ser o sujeito de seu próprio processo formativo na relação dialógica com outras pessoas no mundo.

O ser humano é o agente educacional por excelência, e não apenas a figura do professor e/ou do gestor, entendendo, uma vez mais, a própria educação como dado humano em dinâmica complexa, não limitada apenas à escolarização, à educação formal. Daí que, conforme a perspectiva do personalismo cristão, Paulo Freire compreenderá a libertação como prática daquela realidade ontológica da liberdade presente no âmago humano, mas que só se efetiva na prática educativa libertadora concreta – ou na pedagógica libertadora – na história: “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio.” (FREIRE, 2021b, p. 51). É nessa pedagógica libertadora que o sujeito em libertação deve ser sempre sujeito de sua própria libertação. Freire nutre-se, aí, explicitamente do pensamento de Emmanuel Mounier, a partir do qual compreende que “o homem tem a missão gloriosa de ser o autor da própria libertação.” (FREIRE, 2021b, p. 71, nota 18).

Isso significa que a educação não é apenas uma realidade escolar/formal a partir da qual são transmitidas informações de uma pessoa para outra. Mais do que isso, ela é entendida como um permanente processo de formação humana vivenciado por cada ser humano num movimento constante de construção de si mesmo, auxiliado por diversos recursos formativos disponíveis, tendo em vista à humanização consciente de sua própria humanidade, uma vez que somos chamados a ser mais do que já somos historicamente.

Como, portanto, falar de educação como formação humana sem considerar o que é a pessoa humana, dispensando a compreensão constante dos fundamentos antropológicos da educação? Para Paulo Freire, não é possível falar de educação como formação humana sem que se reflita sobre o que é a pessoa humana. Não é possível que nos dispensemos da tarefa de compreensão constante dos próprios fundamentos antropológicos da educação. Como ele mesmo diz, “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem refletir sobre o próprio homem” (FREIRE, 2005, p. 27).

Desse modo, a formação humana, em Paulo Freire, é vista como um processo vital, intimamente dependente da capacidade subjetiva de compreensão e de conscientização da realidade circundante, a fim de que uma pessoa perceba os mecanismos que a prendem numa condição social que quer parecer-se determinada e impossível de ser superada. Assim, a educação exige a passagem da liberdade para a autonomia, da consciência à ação consciente,

da responsabilidade ao compromisso, do diálogo à participação, do afeto ao amor (BATOLOSSO NAVAS, 2022).

Em última instância, a formação humana em Freire depende do desenvolvimento da consciência crítica e autocrítica, levando a pessoa humana a compreender a si mesma da forma mais profunda possível. E, nesse sentido, o auxílio da teologia, mormente da antropologia teológica, era indispensável para Paulo Freire: “a sua antropologia, desde o início, apresenta o esforço humano de buscar a transcendência, isto é, a união com seu Criador” (OLIVEIRA, 2004, p. 13; cf. FREIRE, 2021c), que, por sua vez, “propõe ao homem uma tarefa de permanente recriação do universo”, e essa, por fim, “supõe, inevitavelmente, a supressão das condições de alienação do homem: a busca de sua humanização.” (OLIVEIRA, 2004, p. 13).

### **Considerações sobre o conceito de pessoa**

E, grosso modo, o que é o ser humano para Paulo Freire? Aqui, mais uma vez, a questão teológica se faz indispensável. A compreensão antropológica de Freire está aqui na esteira daquilo que a própria teologia católica entende por “pessoa”: vocação ontológico-histórica a ser mais, humano em constante processo histórico de humanização – e sujeito a desumanizações (que são deturpações da vocação humana a ser mais humano) –, ser de consciência e conscientização, ser de relação consciente com outros seres, ser que tem autoconsciência, “consciência de si como pessoa” (FREIRE, 2020, p. 45), e que jamais poderá realizar-se como tal vivendo oprimida, aderida ao opressor, no individualismo ou numa massificação, ambas coisificantes do ser humano (Ibid.). Todas essas noções freirianas acerca da pessoa humana encontram eco no personalismo cristão e na esteira da antropologia teológica católica, segundo os quais o ser humano é pessoa.

E a noção conceitual de “pessoa”, tal como a compreendemos aplicada ao ser humano, é, por sua vez, uma noção que se desenvolve primariamente no campo das discussões teológicas, e não propriamente antropológicas. Isso quer dizer que foi o cristianismo o responsável por uma *virada teológica do termo* pessoa, até então completamente “estranho” ao pensamento filosófico da Grécia Antiga e da Roma Antiga. O termo latino “persona” e o termo grego “prósopon” possuem um peso semântico mais inclinado à ideia de “máscara” e de “papel social”, e não de uma identidade ontológica subsistente, isto é, daquilo que subsiste



para além das máscaras sociais. Como diz Mounier (2004, p. 20), “a noção de pessoa foi-se precisando pouco a pouco através das controvérsias trinitárias e cristológicas do século II ao séc. VI”. E Urbano Zilles (2011) confirma dizendo que

[...] nem romanos nem gregos conheciam a identidade insubstituível, de valor e dignidade, que é cada indivíduo, escravo ou livre. Este conceito foi elaborado pelos primeiros quatro concílios do Cristianismo para falar adequadamente do Deus uno e trino, de Cristo que, em sua pessoa, une as naturezas humana e divina. A partir da Cristologia, depois, se passou a aplicá-lo aos homens. (ZILLES, 2011, p. 25).

Para a teologia católica, Deus Trino é uma essência e três pessoas, e Jesus Cristo, verbo divino encarnado, é uma pessoa e duas naturezas (humana e divina). Nesse sentido, o Deus que, no seu seio divino, é Deus-Relação, na criação e na encarnação revela-se como Deus-Relação-Conosco (cf. RATZINGER, 2007, p. 178-192). Consagra-se, daí, na teologia católica, a partir dessa noção teológica primária, a noção antropológica de pessoa, entendida, então, não como uma substância que se fecha em si, mas como o fenômeno da relatividade total.

Em última análise, para essa perspectiva teológica, o ser humano natural e ontologicamente só pode realizar-se em Deus, aquele que fornece o rumo de todo ser pessoal, dado que ele é, por excelência, Pessoa, comunhão trinitária de Pessoas e, como nos cria à sua imagem e semelhança, torna-nos pessoas em sua Pessoa. O *Catecismo da Igreja Católica* (CAT), nesse mesmo sentido, afirma que “por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de *pessoa*: ele não é apenas alguma coisa, mas alguém.” (CAT, n. 357). Esse é o ponto, então, no qual a doutrina sobre Deus (teologia) passa à doutrina sobre Cristo (cristologia) e, depois, à doutrina sobre o ser humano (antropologia) (cf. RATZINGER, 2007, p. 183).

Há, desse modo, na perspectiva teológica católica, um sentido antropológico de pessoa que é fortemente impregnado de dinamicidade: “O conceito de pessoa é dinâmico, pois já nascemos como pessoa e durante toda a vida nos tornamos pessoa.” (ZILLES, 2011, p. 110). Ou seja, a pessoa não se exaure em suas funções (cf. ZILLES, 2012, p. 46), a dignidade de pessoa não se perde (cf. CAT, n. 2267), e, mesmo que tudo lhe falte, nos dizeres do *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (CDSI), o ser humano é pessoa desde sempre e não cessa jamais de ser pessoa (cf. CDSI, n. 131).



Muitas foram as noções e desdobramentos que decorreram da compreensão sobre o que é o ser humano a partir conceito de pessoa desenvolvido pela querela terminológica da teologia católica<sup>5</sup>, a saber:

- Substância individual de natureza racional (Severino Boécio).
- Natureza racional subsistente em si (Tomás de Aquino).
- Ser racional-relacional (Boaventura de Bagnorégio).
- Consciência de si (René Descartes).
- Fim em si mesmo, livre e autônomo, valor intrínseco (Immanuel Kant).
- Coincidente consigo mesmo, algo experienciado (Edmund Husserl).
- Indivíduo agente intencional, simbólico de caráter espiritual (Max Scheler).
- Acontecimento dialógico, eu-isso, eu-tu (Martin Buber).
- Rosto, epifania, infinito, alteridade, responsabilidade (Emanuel Lévinas).
- Intersubjetividade no domínio do amor, eu responsável, mistério (Gabriel Marcel).
- Ser espiritual subsistente, livre e valorativo; vocação, encarnação, comunhão, personalidade não objetificável, unidade aberta e amante (Emmanuel Mounier).
- Autopertencimento, dignidade subsistente, relação olhos nos olhos, abertura não exaurida (Romano Guardini).
- Consciência de si solidária ao outro, natureza amorosa, personificação em risco – pode fazer-se ou desfazer-se (Maurice Nédoncelle).
- Plenitude não realizada, um a-ser (Paul Ricoeur).
- Substância espiritual, subsistência relacional, primaz, livre, integral (Jacques Maritain).
- Realidade complexa, *sapiens/demens, homo complexus* (Edgar Morin).

E, para Paulo Freire, o ser humano, pessoa, é histórica e ontologicamente vocacionado à humanização, à perfectibilidade, a *ser mais* (FREIRE, 2020; FREIRE, 2021c).

O pensador brasileiro nutre, então, sua fundamentação antropológica dessa que podemos chamar de compreensão personalista cristã de ser humano, decorrendo daí sua perspectiva de formação humana. O ser humano se forma na relação com os outros, num processo constante de construção de sua subjetividade, num movimento dialético interminável

---

<sup>5</sup> Sobre os tópicos a seguir acerca das muitas compreensões filosóficas do conceito de pessoa, ver Mondin (1980), Zilles (2011; 2012) e Morin (2012).

(ou que só termina quando a vida termina) de humanização. E, nesse percurso, ele descobre sua vocação, sua inclinação humana a ser mais humano; e também descobre (e precisa descobrir), na conscientização crítica, situações que podem prestar-se ao “serviço” não de humanizá-lo mais, mas de promover sua desumanização, oprimindo-o em um processo que o leva a ser menos.

Daí decorrem, portanto, exigências fundamentais para que a educação – entendida, em última instância, como processo de formação da pessoa humana – não se preste a trabalhos desumanizantes, de alienação e de objetificação.

### **Exigências da formação da pessoa humana**

A educação, conforme já acenamos, não pode ser considerada ingenuamente. A formação humana é um processo complexo e não um mero adestramento ou transmissão de noções culturais já construídas. Não dá para simplesmente dizer que “a educação salvará um país”, se não se considera “qual tipo de educação” e “que tipo de visão de ser humano” ela carrega, “que imagem-ideal de sociedade” ela projeta. A educação não é algo ao qual se deve confiar por si mesmo<sup>6</sup>.

A formação humana é, então, processo de “ser mais” humano, é caminho de ser mais aquilo que já se é (ontologicamente) no estar sendo (historicamente) da cotidianidade, em diálogo consciente com os outros no mundo (dialogicamente). É um trabalho antropológico e linguístico: dizer sua palavra sobre o mundo; especialmente, dizer sua palavra sobre si, a partir do seu mundo, expandindo-o e expandindo-se, libertando-se das figurações reducionistas da realidade que temos hospedadas em nós (FREIRE, 2020), sonhando e construindo novas possibilidades de ser (FREIRE, 2021c). Formação humana não é formatação de pessoas. Educação não é massificação de gente.

Daí que, na perspectiva da obra de Freire, são fundamentais algumas exigências à formação humana, a saber:

---

<sup>6</sup> Segundo destaca Romão (2019, p. 159), “para Paulo Freire não existe educação, mas educações, ou seja, formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser. Basicamente, as várias ‘educações’ se resumem a duas: uma, que ele chamou de ‘bancária’, que torna as pessoas menos humanas, porque alienadas, dominadas e oprimidas; e outra, libertadora, que faz com que elas deixem de ser o que são, para serem mais conscientes, mais livres, mais humanas. A primeira é formulada e implementada pelos(as) que têm projeto de dominação de outrem; a segunda deve ser desenvolvida pelos(as) que querem a libertação de toda a humanidade”.

- exige formação integral, donde “o direito à educação como desenvolvimento de todas as potencialidades humanas” (VIOLA, 2019, p. 145);
- exige reconhecimento, respeito e promoção da dignidade integral de cada pessoa – como Freire expressa na *Pedagogia da autonomia*: “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros” (FREIRE, 2007, p. 25);
- exige amorosidade, aquela força vital que nos capacita a visualizar a pessoa que é cada ser humano, aproximando-se dela, dialogando horizontalmente com ela, com especial carinho pelos “esfarrapados do mundo” (FREIRE, 2020), sofrendo com eles, lutando com eles, sonhando com eles, amando-os preferencialmente;
- exige liberdade, fundamental para que nos movamos no mundo (FREIRE, 2022), que se “amadurece no confronto com outras liberdades” (FREIRE, 2007, p. 105) e se ilumina na esperança de que a pedagogia do oprimido passe a ser “pedagogia dos homens em processo permanente de libertação” (FREIRE, 2020), que é o desospedar constante do opressor de dentro de si (OLIVEIRA, 2004), finalidade central da educação, singular serviço à humanização da pessoa;
- exige conscientização, que é mais que uma tomada de consciência, mas o desenvolvimento crítico da tomada de consciência (OLIVEIRA, 2004), compreensão e transformação crítica dos aspectos de classe aos quais estamos envolvidos e que nos tocam direta e/ou indiretamente; ação-reflexão no mundo, com os outros, opção, decisão compromissada (FIORI, 2020);
- exige a recusa radical de posturas fatalistas, evidenciadas em mitos e slogans que tendem a gerar nas pessoas a imobilização (FREIRE, 2022). Frases como “é uma pena que haja tanta gente com fome entre nós, mas a realidade é assim mesmo”, “o desemprego é uma fatalidade de nossa época”, “galho que nasce torto assim se conserva” (Ibid.), ou ainda expressões como “as coisas não estão fáceis, mas precisamos aceitá-las como estão”, “o salário está baixo, mas antes pingar do que secar”, “Deus ajuda quem cedo madruga”, “não questione, trabalhe!”, “o poder tem sido cruel e opressor, mas isso é necessário para manter a ordem, defender os bons costumes e os valores tradicionais” (FREIRE, 2020), enfim, afirmativas desse tipo

manifestam um profundo fatalismo que, como tal, não quer ver nenhuma transformação que ameace o poder dos opressores;

- exige implicações mútuas entre educação formal, informal e não formal, a consideração pedagógica do universo existencial, vivencial, cultural e vocabular das pessoas todas envolvidas no processo educacional (FREIRE, 2020);
- exige círculo de cultura (FREIRE, 2020; FREIRE, 2021b), dado que educação é relação, de tal forma que ninguém ensina ninguém propriamente, pois os seres humanos aprendem comunitariamente, na dialogicidade relacional. Afinal, entre uma aula e outra perpassa uma realidade transversal chamada “vida”;

Todas essas exigências, finalmente, demonstram que a formação humana, na perspectiva freiriana, exige, sobretudo, vida, amor pela vida (biofilia), promoção da vida, da vida eticamente digna, integralmente digna, com capacidade a gerar mais vida a todas e cada uma das pessoas, recusando e combatendo, por consequência, toda a cultura de promoção da morte (necrofilia) característica da estrutura histórica que produz oprimidos para sobreviver.

### **A formação da pessoa humana em Freire: por uma subjetividade não assujeitada**

Paulo Freire foi criticado por dar centralidade ao conceito de subjetividade em sua obra, mas reafirmou esse reconhecimento. Ele mesmo o diz: “[...] mais um ponto que gerava críticas, exatamente o papel que eu reconhecia e continuo reconhecendo à subjetividade no processo de transformação da realidade ou às relações entre subjetividade e objetividade indicotomizáveis, consciência e mundo.” (FREIRE, 2021c, p. 139).

Em sua abordagem, a construção do sujeito se dá na dialética da afirmação de si na concretude histórica, com todas as suas lutas, na dinâmica do sonho, isto é, na esperança ativa e crítica de fazer existir um futuro novo possível, um “inédito viável”, mais humano, onde seja mais fácil amar, tal como ele afirma na conclusão da *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 2020). O que queremos dizer é que, para Freire, não há possibilidade de falar em subjetividade sem relacioná-la com a objetividade, uma influi sobre a outra, dialeticamente. O ser humano se faz aí, numa luta inacabada com as estruturas condicionantes da história, ciente de que, por elas, nenhuma pessoa está completa e decisivamente determinada. Suas palavras são elucidadoras:

[...] condicionado pelas estruturas econômicas, não sou, porém, por elas determinado. Se não é possível desconhecer, de um lado, que é nas condições materiais da sociedade que se gestam a luta e as transformações políticas, não é possível, de outro, negar a importância fundamental da subjetividade na história. Nem subjetividade faz, *todopoderosamente*, a objetividade nem esta perfila, inapelavelmente, a subjetividade. Para mim, não é possível falar de subjetividade a não ser se compreendida em sua dialética relação com a objetividade. (FREIRE, 2022, p. 65-66).

Para o educador brasileiro, a consciência disso é fundamental, não somente para que a pessoa humana fique sabendo teoricamente desse processo. O mais importante é que ela tenha, com isso, condições de agir consciente e estrategicamente *no* e *com* o mundo, a fim de que não seja reduzida a um puro subjetivismo, donde facilmente se perde na ideologia individualista, nem a um puro objetivismo, donde também facilmente se perde, mas na ideologia coletivista. Uma vez mais, o autor é claro:

É neste sentido que só falo em subjetividade entre os seres que, *inacabados*, se tornaram capazes de saber-se *inacabados*, entre os seres que se fizeram aptos de ir mais além da *determinação*, reduzida, assim, a condicionamento e que, assumindo-se como objetos, porque não determinados. Não há, por isso mesmo, como falar-se em subjetividade nas compreensões objetivistas mecanicistas nem tampouco nas subjetivistas da história. (Ibid., p. 66).

A noção de pessoa, tal como a propõe a perspectiva cristã, está aí implícita, pois nela tanto a redução centrada no indivíduo quanto a redução centrada no social são inaceitáveis. A liberdade é atributo marcante da pessoa humana, donde a luta por sua libertação é um imperativo irrenunciável para a educação e a pedagogia, especialmente em terras historicamente marcadas pelo colonialismo, como é caso da América Latina. A liberdade, capacidade e possibilidade de escolher, decidir e conduzir-se consciente e criticamente em vista de uma perene humanização de si, implica também a capacidade de se colocar responsabilmente diante do mundo e das outras pessoas, em comunhão com a dignidade profunda de tudo que existe. Donde sua característica marcadamente ética:

Só na história como possibilidade e não como determinação se percebe e se vive a subjetividade em sua dialética relação com a objetividade. É percebendo e vivendo a história como possibilidade que experimento plenamente a capacidade de comparar, de ajuizar, de escolher, de decidir, de romper. E é assim que mulheres e homens eticizam o mundo, podendo, por outro lado, tornar-se transgressores da própria ética. A escolha e a decisão,

*atos de sujeito*, [...] necessariamente sublinham a importância da educação. (Ibid., itálicos nossos).

Como bem destaca Osowski (2019):

Para Paulo Freire “o homem integrado é o homem *Sujeito*” (FREIRE, 1980a<sup>7</sup>, p. 42), isto é, um homem enraizado não só historicamente, mas acima de tudo aquele que expressa sua humanização. Ele exercita sua liberdade, assume as tarefas de seu tempo, reflete sobre e analisa-as, posicionando-se criticamente e tomando decisões que interferem e alteram a realidade. Faz isso junto com os demais, em comunhão: dialoga e age. [...] São esses os homens e mulheres historicizados que se colocam não só a favor de uma educação libertadora, como também a produzem, manifestando-se como educadores humanistas ou revolucionários autênticos. (OSOWSKI, 2019, p. 441-442).

E qual seria a educação de que Freire fala, digna de pessoas humanas e a serviço de sua humanização, da constituição de sujeitos que sejam, de fato, autônomos e responsáveis eticamente *no e com* o mundo? Freire também compreende que não se pode falar de educação sem adjetivá-la, neutra, válida por si só, como já dissemos. Para ele, o fenômeno educacional “tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável.” (Ibid., p. 66-67). A educação da qual Freire falava e vivia tem um sentido profundo, radical (*raiz*), de serviço crítico à formação integral da pessoa humana, que ele mesmo caracterizou como “uma prática educativa radical” que jamais poderá ser confundida ou reduzida a “puro treinamento” (Ibid., p. 67).

A educação – prática radical – de Freire, então (Ibid., p. 67-69):

- é estimuladora da curiosidade crítica, problematizadora, à procura sempre da ou das razões de ser dos fatos;
- é recusada obviamente, por quem defende seus próprios direitos individualistas de poder dominador;
- é limitada em suas dimensões formais, informais e não formais, isto é, não pode tudo, mas pode muito, com força suficiente para colaborar na construção de uma história mais humanizada, porque é obra de pessoas;

---

<sup>7</sup> Aqui a autora se refere à obra *Educação como prática da liberdade*.

- envolve todos os sujeitos educacionais nas decisões acerca da programação do que deve fazer parte do dia a dia educacional;
- promove a liberdade responsável, na eticidade dos limites que respeitam a dignidade inerente a cada pessoa com as quais convivemos, ciente de que a autonomia de um sujeito “só se autentica no acatamento à autonomia dos outros”;
- recusa as determinações, mas não nega os condicionamentos, sabendo que há lutas que talvez durem um longo tempo, a tal ponto que “nela sucumbam gerações”...

É, também, uma educação (FREIRE, 2020; FREIRE, 2021c):

- dialógica, amorosa, não bancária, sonhadora, pois o sonho é o motor fundamental da história, aquele que evidencia e anuncia que podemos ser mais e também denuncia e se indigna diante dos quefazeres que desejam nos fazer ser menos;
- é uma educação inacabada, andarilha, reticente, mas não sem rumo, pois não admite ser qualquer coisa nem alguma coisa que não esteja humanizadamente sustentada e, neste sustento, humanizadamente em direção, a caminho, fazendo-se.

Enfim, a educação de que falou e viveu Freire é uma pedagógica existencial constante, que não acontece somente no âmbito formal da escola e da universidade, mas no mundo da vida, perenemente, permeada de contradições e dialéticas. Essa educação deve ser construída por pessoas sempre mais conscientes e que atuem com empenho ético-antropológico humanista, isto é, sonhando “com uma sociedade menos agressiva, menos injusta, menos violenta, mais humana” e defendendo “a capacidade do ser humano de avaliar, de comparar, de escolher, de decidir e, finalmente, de intervir no mundo.” (FREIRE, 2022, p. 67). É mesmo uma educação de sujeitos, de pessoas que cada vez menos aceitam quaisquer assujeitamentos; é, assim, uma prática educativa radical que tem “fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.” (FREIRE, 2020, p. 253).

### **Considerações finais**

Paulo Freire, profundamente inspirado pelo personalismo cristão, viu na educação a mediação poderosa para a transformação qualitativa da vida da humanidade. Dada a dificuldade histórica da mudança das estruturas sociais pela via da revolução política, encontra na educação, assim como Mounier, o caminho possível para a transformação. Paulo Freire também propõe o engajamento que se impõe ao cristão de tornar-se um agente



transformador de sua sociedade, ainda que ao custo de questionar, em nome da autenticidade do cristianismo, expressões conservadoras da cristandade. A educação é então concebida e deve ser praticada como a realização histórica de um projeto antropológico humanizador e emancipatório. Cabe a ela contribuir para a efetiva formação humana, tornando os indivíduos naturais em pessoas culturais, sujeitos autônomos que assumam a responsabilidade pela construção e condução da história da humanidade.

Daí o investimento a ser priorizado com a libertação dos oprimidos, levando-os à autonomia frente aos opressores. A educação libertadora implica um método de ação emancipatória, cuja característica fundamental é a dialogicidade educador/educando, mediados pelo conhecimento que ambos podem desenvolver, na condição de sujeitos autônomos, e que é problematizador por excelência. Freire vê sua metodologia pedagógica como mediação para o compartilhamento da intencionalidade da libertação. A pedagogia do oprimido deve colocar educadores e educandos em processo de conhecimento da realidade, de forma desveladora e crítica, implementando um projeto emancipatório. A ideia de formação é aquela do atingimento de um modo de ser, ao longo do devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação e de autonomia. Uma situação de maior humanidade possível, apoiada na condição de sujeito autônomo na decisão e no direcionamento de seu agir

Paulo Freire foi esse educador que fundou sua práxis numa filosofia pautada no reconhecimento da dignidade da pessoa humana, compromissando-se com uma prática educativa capaz de ser mediadora da emancipação da pessoa oprimida.

## Referências

BATOLLOSO NAVAS, Juan Miguel. **Ensinar a condição humana**: módulo 1. Apostila. São Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas Edgar Morin, 2022.

FIORI, Ernani. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. Cristo, meu camarada. *In*: CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida (Org.). **Pedagogia da resistência**: escritos a partir da vida e obra de Paulo Freire. Petrópolis: Vozes, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, Paulo. Do direito e do dever de mudar o mundo. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Organização de Ana Maria de Araújo Freire. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

GASDA, Elio Estanislau; COLARES, Karen de Souza. Pedagogia do Oprimido e Teologia da Libertação: sintonia a serviço dos pobres. *In*: CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida (Org.). **Pedagogia da resistência**: escritos a partir da vida e obra de Paulo Freire. Petrópolis: Vozes, 2021.

JOÃO XXIII. **Mater et magistra**: sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã. 15 mai. 1961. São Paulo: Paulinas, 2010. (Voz do Papa)

MONDIN, Battista. **O homem, quem é ele?** Elementos de Antropologia Filosófica. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. 5. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Tradução de Vinícius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2004.

OLIVEIRA, Paulo César. **Fundamentos do pensamento de Paulo Freire**. Três Corações: Ediarte, 2004.

OZOWSKI, Cecília Irene. Sujeito/objeto. *In*: STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Tradução: CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005.

RATZINGER, Joseph. **Dogma e anúncio**. Tradução de Pe. Antônio Steffen, SJ. São Paulo: Loyola, 2007.

ROMÃO, José Eustáquio. Educação. *In:* STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTA SÉ. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000.

SEGALA, Aldino Luiz. Religião/Religiosidade. *In:* STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SESBOÛÉ, Bernard. **O homem, maravilha de Deus**: ensaio de antropologia cristológica. Tradução de Iranildo Bezerra Lopes. São Paulo: Paulinas, 2021.

STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

VIOLA, Solon Eduardo Annes. Direitos Humanos. *In:* STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

ZILLES, Urbano. **Antropologia Teológica**. São Paulo: Paulus, 2011.

ZILLES, Urbano. **Pessoa e dignidade humana**. Curitiba: CRV, 2012.

*Recebido: Junho/2023.*

*Publicado: dezembro/2023*